

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA**

**Vivências krahô
- aprendizados e saberes no universo do outro**



Pilar Lisboa Fernandes de Cerqueira

**Goiânia
2008**

Pilar Lisboa Fernandes de Cerqueira

**Vivências krahô
- aprendizados e saberes no universo do outro**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado para
obtenção do grau em Jornalismo pela Faculdade de
Comunicação e Biblioteconomia (Facomb) da UFG

Orientador: Prof. Nilton José dos Reis Rocha

**Goiânia
2008**

Pilar Lisboa Fernandes de Cerqueira

**Vivências krahô
- aprendizados e saberes no universo do outro**

**Trabalho de conclusão de Curso apresentado
para obtenção do grau em Jornalismo pela
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(Facomb) da UFG**

Orientador: Prof. Nilton José dos Reis Rocha

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Ms. Lisbeth Oliveira

Julgado em: ___/___/_____

Conceito: _____

Dedico este trabalho à minha família, em especial, meu pai, minha mãe e minha avó, Maria da Conceição, pessoas que muito amo, e a minha querida vizinha Sabina (*in memoriam*), que, por sua origem indígena, me inspirou na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Wilton e minha mãe Orion pela força, carinho, atenção, amor e confiança.

Ao meu orientador Professor Nilton José dos Reis Rocha pela amizade, apoio paciência e contribuição teórica.

Ao Professor Juarez Maia pela amizade e solidariedade.

À Professora Angelita Pereira pela contribuição nas primeiras reflexões.

A todos meus professores, minha gratidão.

Ao Artur, pelo incentivo e contribuição na realização de atividades com a comunidade Krahô.

À comunidade Krahô pela recepção, hospitalidade e, principalmente, pela destemida parceria na construção desse conhecimento, pelo meu aprendizado e razão deste trabalho.

“Pelo desejo de compreender e de ser compreendido é que os seres humanos dão sentido à linguagem. Receber a palavra do outro, é um testemunho de igualdade”.

(Pilar)

Resumo

Este trabalho foi um esforço de reflexão acerca de vivências no universo Krahô que foram realizadas com base na participação e envolvimento com a comunidade em uma tentativa de construir coletivamente atividades que abordassem a apropriação de ferramentas tecnológicas digitais. Baseou-se na pesquisa participante, ou seja, no compartilhar de uma mesma realidade com a comunidade local a fim de produzir um conhecimento que não se distanciasse de sua realidade concreta. Assim, dentro de uma concepção em que a ação e reflexão se complementam, procurou-se refletir toda a prática, realizada por meio de oficinas de filmagem e edição de vídeo. Na tentativa de evidenciar a forma de pensar do sujeito krahô, repensou-se as posições que os sujeitos ocupam em um trabalho científico acadêmico ao procurar romper as dicotomias observador/observado e sujeito/objeto em busca de uma nova forma de ouvir e olhar. Foi um esforço de reconhecer a forma de pensar o mundo dos sujeitos Krahô e percebê-los como produtores de conhecimento.

Palavras-chave: Universo Krahô; Realidade Compartilhada; Ação-Reflexão.

Abstract

This work was an effort of reflection on experiences in the Krahô universe which was based on the participation and involvement with the community in an attempt to build activities collectively that focused in the appropriation of digital technological tools. It was based on the participant research, on sharing the same reality with the local community in order to produce knowledge that would not get distance from its own concrete reality. In this way, within a conception in which the action and reflection are complementary, tried to reflect the entire practice carried out by means of workshops, filming and video editing. In an attempt to highlight the Krahô's way of thinking rethought the positions that the subjects occupy in a scientific academic work in seeking to break the dichotomies observer /observed and subject / objects in search of a new way to hear and look. It was an effort to recognize the way of thinking the world of Krahô's subjects, and perceive them as knowledge producers.

Keywords: Krahô Universe; Shared Reality, Action-Reflection

Sumário

1. Introdução.....	10
2. Fundamentos teóricos.....	14
3. Objetivo geral.....	19
3.1 Objetivos específicos.....	19
4. Metodologia.....	20
5. As narrativas Krahô, nos campos concretos da existência.	23
5.1. Uma possibilidade generosa da testemunha.....	23
5.2. Falas do sujeito social – diálogos múltiplos.....	25
5.2.1. Jucelino Huhtê Krahô - “tinha índio filmando, eu gostei muito”.....	25
5.2.2. Marciana Krahô Krâmpey - “Tem que aprendê pra filmá e pra aprendê Internet”.26	
5.2.3. Hai-hã Krahô, “assisti no vídeo e gostei”.....	29
5.2.4. Joaíinha Cahhur, muito impej!.....	30
5.2.5. Xorxo, o diálogo e o sonho divinos.....	32
5.3. O relato da testemunha, uma narrativa talvez necessária.	33
5.3.1. Oficina de filmagem e edição de vídeo na Festa do Milho – Põhypré.....	33
5.3.2. Vivência na Aldeia Manoel Alves Pequeno.....	35
6. Conclusões.....	40
7. Referências Bibliográficas.....	41
Bibliografia Consultada.....	41
Anexos.....	42

1. Introdução

O estudo que se segue é uma reflexão acerca de vivências com aldeias Krahô¹, ocorridas entre os anos de 2005 e 2008. Em março de 2005 deu-se o primeiro contato com essas comunidades, momento em que foram feitos os primeiros contatos com a Kapey², a Rádio Hartât³, a plantação de mandioca, as aldeias Manoel Alves Pequeno, Água Fria e Santa Cruz, e o ritual de batismo, que abriram, de certo modo, o mundo Krahô à pesquisadora.

Três anos depois do primeiro contato, durante a festa das crianças, Tep Tere⁴ no mês de julho daquele ano, realizou-se uma oficina de edição de vídeo, utilizando software livre, com imagens capturadas durante a festa. Posteriormente, em novembro do mesmo ano, foi realizada uma breve visita à comunidade, cujo objetivo era o conserto do motor da Rádio Hartât. Nessa época, realizava-se na Kapey uma reunião da comunidade com a Funasa (Fundação Nacional de Saúde) a respeito da saúde indígena, que foi registrada em vídeo por um mehĩn⁵.

Na viagem seguinte, no ano de 2008, dando continuidade aos trabalhos, agora com um enfoque de gênero, novos desdobramentos ocorreram como a oficina de filmagem e edição de vídeo, durante Põhypré⁶, com crianças e adolescentes Krahô do sexo feminino e posteriormente, em uma visita à aldeia Manoel Alves Pequeno, a doação de uma câmera à comunidade Krahô para que as oficinas de filmagens então desenvolvidas solidariamente, tivessem continuidade após a finalização desse trabalho.

Durante todo o trabalho prático buscou-se uma forma de pensar o outro em que,

¹ Grupo indígena que habita o Nordeste do Estado do Tocantins

² União das Aldeias Krahô

³ Rádio Comunitária Krahô

⁴ Peixe e Lontra

⁵ Como os Krahô se autodenominam

⁶ Festa do Milho

alguém que aprende ao mesmo tempo ensina. Assim, optou-se por uma metodologia que amparasse a idéia da igualdade das inteligências, partindo do princípio de que todos os sujeitos carregam inerentemente à mesma inteligência, e de que, enquanto ensinam, também estão aprendendo.

É o aprendizado natural de todos, isto é, a forma ancestral, o mesmo método que a criança utiliza para falar a língua da mãe. A apropriação de um conhecimento não é realizada por meio da explicação. É o ensino universal, no qual os sujeitos colocam em exercício a sua própria inteligência (Rancière, 2005, p.22-35).

Assim, na tentativa de tecer uma forma de pensar e se relacionar com a alteridade¹, essa complementação reflexiva sustenta-se na concepção da ecologia dos saberes, pois se esforça em reconhecer a forma de conceber o mundo do sujeito Krahô na tentativa de defesa da justiça cognitiva, isto é, do direito que as diversas estruturas de pensamento têm de existir.

Com isso, procura-se traçar conexões entre diferentes paradigmas de conhecimento, reorganizando os elementos constitutivos de um trabalho de caráter científico-acadêmico, ao repensar as posições que nele os sujeitos ocupam, em busca de evidenciar a relevância dos discursos dos sujeitos Krahô e tornar o conhecimento coerente com a realidade local, considerando que esses discursos remetem somente a uma das dimensões de sua realidade.

O enfoque de gênero surgiu devido a uma inquietação sentida em um contexto externo à realidade Krahô, a qual estava relacionada à desigualdade existente entre homens e mulheres no que diz respeito ao conhecimento sobre o universo tecnológico. A partir disso, pensou-se que se poderia encontrar essa problemática no contexto Krahô, o que poderia nos levar às diversas e até então desconhecidas conclusões no final do trabalho.

A articulação feita com fundamento na pesquisa participante teve como premissa a inseparabilidade entre ação e reflexão, procurando co-relacionar de forma colaborativa teoria

¹ Qualidade do que é outro

e prática, um pré-requisito para a tentativa de atender às necessidades da comunidade, em um movimento de ação-reflexão com base no contexto social (Brandão, 1990 p.11, 35; Freire, 2007, p.141, 142).

Profundos conhecedores das plantas, do comportamento dos animais, das alterações dos períodos de chuva, da interação inseparável entre o ser humano e a natureza e dos avisos que ela dá, os Krahô possuem visões de mundo que estabelecem relações com um universo que tem nomes e significados próprios, o que caracteriza a particularidade de sua forma de pensar.

Assim, se torna possível sair da noção de transferência, na qual os cupen¹ passam conhecimento aos mehñ, rumo à concepção de que ambos constroem conhecimentos juntos ao compartilharem uma mesma realidade (Brandão, 1990; Freire, 2007, p.65, 66; Visvanathan, 2004, p.760).

Os Krahô têm uma visão bastante avançada no que diz respeito à organização social. Cerca 16 aldeias Krahô estão associadas à Kapey, um local comunitário de reunião das aldeias para discutir questões que dizem respeito à comunidade. Cada aldeia tem um Pahhi² e na Kapey, em assembléias que são abertas à participação de todos os membros da comunidade, eles comunicam o que foi decidido por sua respectiva aldeia. As decisões são tomadas por consenso e em caso de dúvida os mais idosos dão a palavra final. Há também mulheres Pahhis.

Na oralidade os Krahô encontram um meio de transmitir os costumes entre os membros do seu povo, mantendo, com isso, sua cultura viva. São inúmeras as histórias contadas de geração para geração e todas dizem muito a respeito do jeito de ser dos Krahô e de suas formas de pensar o mundo. Muitos mehtum³ dizem que os jovens precisam valorizar

¹ Não mehñ

² Cacique

³ Krahô idoso

sua cultura para que esta não seja esquecida, e a filmagem é uma forma de fazer com que esse conhecimento não se perca e seja passado de geração a geração.

Fruto do esforço de construir conhecimentos coletivamente, esse trabalho só foi possível por meio do compartilhar de uma mesma realidade com a comunidade, e, conseqüentemente, do enfrentamento de dificuldades provenientes de um contexto diferente ao qual estava habituada, em que recursos como energia elétrica, água encanada e o transporte não são usuais.

Devido às diferenças culturais, foram freqüentes sentimentos como solidão e inadequação, um estar *fora do ninho*, mas que, nesse caso, foi amenizado pelo fato da comunidade ser muito receptiva.

Assim, o empenho é também para que este trabalho reflita o caminho empreendido, por via da apropriação de ferramentas tecnológicas digitais, em especial a câmera de filmar e o computador, como uma possibilidade a mais de contribuir para o registro cultural daquele povo.

2. Fundamentos teóricos

Esta reflexão, com fundamento em conceitos de Sujeito e Sentido (Zemelman, 2004), é um esforço de articular um conhecimento que não parta somente de códigos teóricos pré-estabelecidos, mas sim, principalmente, de uma realidade compartilhada (Brandão, 1990). Procura-se romper a dicotomia *observador/observado*, na tentativa de construir uma forma mais democrática do ouvir e olhar.

Ao perceber-se que formas de racionalidades distintas do paradigma científico convencional foram colocadas à margem por esse modelo, que com o passar dos anos foi se tornando hegemônico, sentiu-se a necessidade de pensar um novo paradigma que, mesmo atrelado ao conhecimento científico, fosse pragmático, isto é, não separasse o sujeito do conhecimento que produz, fundamentando-se nos princípios da localidade e da experiência, em afirmação de que todo conhecimento é parcial e localizado (Escobar, 2004, p.640, 641)

Na concepção de que todo conhecimento contribui para a construção da realidade social, chama-se atenção para as dimensões subjetiva e intersubjetiva, as quais foram suprimidas por um conhecimento estritamente racional, objetivo e imparcial (idem, p.641). Não se trata apenas de recusar a ciência moderna, mas sim de reconfigurar um outro paradigma em uma constelação mais ampla de saberes que permita a coexistência com práticas de ciências populares (Santos, 2006, p.155, 156).

Os protagonistas desse processo de transformação epistemológica, para além dos muros acadêmicos, são os próprios atores sociais, o que reforça a necessidade de reformulação da linguagem de descrição e explicação, uma vez que esta foi por muitas vezes erigida sobre alicerces que excluía segmentos da sociedade (Escobar, 2004, p.642). Em busca por linguagens mais inclusivas, que contribuíssem para a transformação da sociedade,

encontraram-se nas ciências naturais conceitos que poderiam colaborar na construção de novos discursos acerca da realidade social, o que levou à apropriação desses conceitos pelas ciências sociais (idem, p.642).

Os sujeitos são, então, incorporados aos processos de construção de conhecimento, garantindo-se espaços para que seus discursos apareçam a fim de não ficar limitado a uma única forma de pensamento. É um esforço de ampliar os espaços de coexistência de diversas formas de conhecimento e, com isso, ampliar-se também a percepção que se tem dos espaços de intervenção na prática (Zemelman, 2004, p.458, 460, 461).

O conhecimento, portanto, ao procurar ser inclusivo de funções, não se constitui apenas de conceitos teóricos pré-determinados. Não é somente explicação a encerrar-se na chamada *acumulação cognitiva*, pois se esforça em estabelecer canais de conexão com a realidade por meio da constante recuperação do contexto a partir do qual se posicionou, a fim de não distanciar-se da realidade concreta dos sujeitos, e cair em um mundo apenas de significações. Daí o pressuposto de que toda reflexão necessite de um pólo de ação, isto é, um agir na realidade.

O compartilhar em uma mesma realidade é condição fundamental para que se possa descobrir iniciativas úteis para uma comunidade¹. Não há como transferir modelos prontos de um contexto a outro, uma vez que cada realidade impõe várias condições, pois possui especificidades que só podem de fato ser percebidas com a experiência do real, *do estar em*, tecendo relações, verificando problemas e buscando soluções.

Essa elaboração de conhecimentos contextualizados à realidade local se mostra necessária para a construção de paradigmas endógenos enraizados em suas circunstâncias específicas, que reflitam a própria realidade em que se vive (Mora-Osejo; Fals Borda, 2004, p.713). Assim, a reflexão não pode estar desvinculada da ação, uma vez que ambas se

¹ Grupo popular constituído por indígenas, camponeses ou operários (Brandão, 1990, p.11)

complementam em uma relação de reciprocidade. Ação e reflexão caminhando juntas levam à *práxis*, que possibilita a transformação da realidade (Freire, 2007, p.89; Zemelman, 2004, p.463-68).

Por sua vez, a realidade precisa ser considerada a partir dos sujeitos para que ela se torne um conjunto de espaços em construção. É o momento histórico, palco de intervenção das práticas humanas. A justiça cognitiva, ao reconhecer os vários sistemas de conhecimento, assegura-lhes o direito de existir no âmbito teórico. São outras *ecologias de saberes* (Santos, 2006, p.154) que permitem, não somente a sobrevivência dessas diversas formas de pensamento, como também reconhece suas existências enquanto práticas ativas (Zemelman, 2004, p.461; Visvanathan, 2004, p. 769).

Assim, em uma tentativa de enquadramento mais democrático para a ciência, as teorias de conhecimentos locais não podem ser desconhecidas como epistemológicas, pois, apesar de parte desses conhecimentos serem utilizados informalmente, não são reconhecidos como ciência até o momento atual (Visvanathan, 2004, p.758, 768-69).

Um ouvir/olhar mais democrático comporta o ponto de vista da testemunha, que é quem se desloca da posição de observador imparcial e objetivo, para deixar-se marcar pelo mundo da vida, correndo riscos e tensões. A testemunha é fruto do esforço de superação da posição de distanciamento tradicional das ciências sociais em busca de melhor conceber e relacionar com o outro (idem, p.771).

Não há liberdade se uma inteligência estiver subordinada a outra, entendendo como subordinação o ato de uma mente ser somente receptora de conteúdos, enquanto a outra faz o papel de depositar esses conteúdos. Ao acreditar na igualdade das inteligências, abre-se a possibilidade da partilha de conhecimentos, em que todos os sujeitos são igualmente ativos e investigativos, sendo que a inteligência pode ser manifestada por todos (Freire, 2007; Rancière, 2005).

O momento em que se reconhece o outro e com ele dialoga é próprio da ecologia dos saberes, que é a epistemologia da luta pela justiça cognitiva, pois na medida em que credibiliza saberes não científicos e as práticas sociais em que se dão esses saberes, não descredibiliza o saber científico, mantendo uma relação de equilíbrio em que se evitam as crises e catástrofes produzidas pelo uso imprudente e exclusivo da ciência (Santos, 2006, p.158).

A ecologia de saberes possibilita a formação de uma constelação de saberes, pois permite a coexistência de sistemas de pensamentos ligados entre si em uma concepção planetária das relações. É uma alternativa de globalização que tem como frente de luta a política da diferença, isto é, o *reconhecimento* das diferentes formas de viver e pensar o mundo. Isso acontece, por exemplo, nas lutas feministas; nas campanhas contra o racismo; nas campanhas contra a pilhagem da biodiversidade; nos movimentos dos povos indígenas da América Latina, Austrália, Nova Zelândia e Índia (idem, p.196).

Para sustentar esse ponto de vista, faz-se uso de conceitos provenientes das ciências naturais, tais como auto-organização, complexidades e redes, em busca de uma alternativa à organização hierárquica da sociedade moderna, que separa, estratifica e consolida seus elementos em classes e categorias (Escobar, 2004, p.645; Santos, 2006, p.159).

O entendimento do efeito de uma rede no campo social se dá dentro das concepções de complexidade e auto-organização, em que as estruturas, no caso as redes, são provenientes de um sistema dinâmico não linear e podem ser encontradas nas manifestações dos sistemas da natureza, como os geológicos e biológicos e também nos sociais, como a internet. As redes, como existem hoje, são resultados da organização de fluxos de matéria e energia, de informação e de cultura e resultam em agregados ou sistemas auto-suficientes (Escobar, 2004, p.645).

A partir da percepção de que não há somente uma forma de conhecimento, mas

várias, e da possibilidade das diversas culturas se completarem entre si, torna-se possível caminhar rumo à *comunicação e cumplicidade*, entendendo que não há como tecer relações de comunicação entre as culturas se não houver cumplicidade entre elas.

3. Objetivo geral

Fazer uma reflexão sobre vivências na produção de conhecimento no processo de apropriação de novas tecnologias de comunicação e informação realizadas com a comunidade Krahô.

3.1 Objetivos específicos

Refletir sobre a tentativa de construção coletiva de conhecimentos, com base na igualdade das inteligências, tendo como via a apropriação de ferramentas tecnológicas digitais, em especial a câmera de filmar e o computador, a fim de que fossem utilizadas de forma a contribuir para o registro cultural desse povo.

Relatar as experiências de aprendizagem realizadas com *crianças e adolescentes Krahô do sexo feminino* e refletir sobre o enfoque de gênero dado a essas atividades.

4. Metodologia

Em busca de uma coerência interna, a metodologia desse trabalho foi tecida durante as vivências no universo Krahô. A intenção foi de ir ao encontro da relevância das formas de pensar da comunidade local a respeito do trabalho que estava sendo realizado, ao mesmo tempo em que se construía um compartilhar com os locais em busca de melhor compreendê-los e à sua realidade. Diferente do tradicional *dar a voz*, o que se pretendia era que a forma de pensar desse povo assumisse a posição principal neste esforço de reflexão.

Na tentativa de desconstruir a noção de transferência de tecnologia, própria do pensamento moderno ocidental e colocada em prática pela governação¹, seja ela em forma de Estado ou de Organizações não Governamentais (ONGS), buscou-se dar supremacia ao discurso do próprio sujeito Krahô, em uma crítica às formas de intervenção de projetos em que a participação da comunidade local, com suas temáticas e perspectivas, se dá somente nas etapas mais avançadas do processo.

Por esse motivo, principalmente, devido ao envolvimento com pessoas do universo Krahô e sua participação como protagonistas, procurou-se atenuar a distância entre as hipóteses iniciais e a realidade concreta vivida por essas pessoas da comunidade. Com isso, buscou-se a percepção que tinham a respeito da temática abordada, como também sua vontade de ter acesso ao novo conhecimento e suas perspectivas.

Como a temática já se encontrava mais ou menos delineada por atividades anteriores, por meio de conversas e entrevistas, foi possível investigar, juntamente com os participantes, se essa temática inicial tinha alguma consistência quando se tratava das condições reais da vida cotidiana local.

Por isso, o trabalho foi construído, não somente com a participação do universo

¹ Instituição que possui o capital tecnológico e tem como política a transferência dessa tecnologia (Visvanathan, 2004 p760)

humano Krahô, mas também em uma tentativa de capacitação cognitiva (Visvanathan, 2004, p.769), a partir da concepção de que para isto é necessário que exista algum objetivo para o novo conhecimento, sendo possível tecer alguma relação entre este e outros aspectos importantes do dia-a-dia.

Assim, as temáticas foram surgindo da própria comunidade Krahô, no sentido da satisfação de suas vontades e necessidades. A instrumentalização, isto é, o esforço de disponibilizar os meios necessários, foi feito para que suas próprias experiências cotidianas de vida passassem a ser interpretadas como fonte de conhecimento e de ação de transformação (Moran, 2006; Brandão, 1990, p.33).

Para não se restringir ao método explicativo, optou-se pelo conceito de emancipação, em que aprender alguma coisa, na perspectiva freiriana, não é o mais importante, mas sim ser investigativo, exercendo sua capacidade de buscar conhecimento (Freire, 2007, p.80) a fim de que a inteligência de um não apague a do outro ao transmitir-lhe conteúdos pré-fabricados, colocando-o na posição passiva de somente receptor.

Quando se coloca somente a explicar, ao invés de buscar a emancipação, leva-se ao embrutecimento (Rancière, 2005, p.24). Assim, o conhecimento do qual irá apropriar-se não é a ciência de um, isto é, o que lhe é próprio, e sim contribuições de várias inteligências que se debruçarão às questões em estudo a fim de compreendê-las e buscar formas de resolvê-las. Esse método contribui para que ambos sejam sujeitos na sua busca, que, ao partilharem de objetivos comuns, se voltam para uma questão a ser descoberta, assim como de recriar e empregar funções de acordo com as necessidades percebidas (Freire, 2007, p.70, 80; Brandão, 1990, p.11).

Buscou-se colocar em prática a autenticidade e o compromisso, princípios da pesquisa participante. Autenticidade é necessário para que haja respeito ao outro, já que não há respeito em negação de si próprio, de sua identidade, de sua origem. Com autenticidade é

possível tecer uma relação de compromisso em que cada um contribui com seu próprio saber, o que requer aceitação, uma vez ser necessário compreender a existência do outro para com ele se comprometer (Brandão, 1990, p.51, 52).

A partir desse posicionamento, surge, então, uma nova forma de olhar, que é o ponto de vista da testemunha. Ao contrário do olhar imparcial, unicamente objetivo e distante, a testemunha se deixa marcar pelo mundo da vida, em um envolvimento com as pessoas e o contexto em que está para depois dar o testemunho sobre o que viveu criando um quadro filosófico em que o pesquisador não vê a ciência separada de si própria (Visvanathan, 2004, p.771).

A ciência convencional enquanto narrativa, constrói-se em um tempo que é linear e progressivo, colocando de lado outras formas de conceber o tempo. Apesar de entender-se que é essa linearidade que permite o poder cognitivo da narrativa, percebe-se que essa construção se dá em um tempo empobrecido, já que poderia ser feita a partir da inclusão de outros tempos, aos quais é indiferente. Assim, a ciência é falha enquanto narrativa, enquanto ato de contar histórias (idem, p.767).

Em uma tentativa de ampliar o leque da narrativa histórica, por meio do reconhecimento do pensar e dizer o mundo de sujeitos que por muito tempo foram excluídos nessa e por essa narrativa, esforça-se por contar uma história em que os narradores principais são esses sujeitos, o que possibilita compreender um pouquinho de uma outra dimensão do real, a realidade Krahô.

5. As narrativas Krahô, nos campos concretos da existência.

5.1. Uma possibilidade generosa da testemunha

A ciência não está desvinculada do sujeito que a constrói e, por isso, requer uma nova figura no quadro de produção de conhecimento, a testemunha. Que ao contrário de ser um observador óptico, imparcial, vive seu testemunho por inteiro, na completude de sua condição humana (Visvanathan, 2004, p.771).

O que torna possível repensar categorias arraigadas na ciência, como a divisão fixa entre sujeitos/objetos, observadores/observados. Ao desconstruir esses limites, torna-se possível reduzir a assimetria proveniente da divisão do trabalho, no que diz respeito à ciência, em que há especialistas, únicos capazes de produzir ciência, e cidadãos, cujo papel é de somente consumir essa ciência. (idem, p.768).

Nesse sentido, a testemunha é uma forma de olhar que percebe que não é autora na produção de ciência, mas que está em processo de aprendizado e que os sujeitos sociais, com quem compartilha de uma mesma realidade, também são produtores de conhecimento.

Uma outra forma de olhar necessita também de uma outra forma de ouvir. Isso porque, no momento em que se aproxima de um sujeito social para saber o seu pensamento, é preciso também ser capaz de desprender-se de determinados conceitos e objetivos prévios. Caso contrário, o que era para ser um aprendizado mútuo torna-se uma imposição simbólica. (Bourdieu, 1997, p.695)

A proximidade com a comunidade Krahô é determinante nesta leitura, uma vez que a testemunha deixa-se influenciar pelo modo de vida deles e compartilha de suas dificuldades, pré-requisito para que haja comunicação, uma vez que só há comunicação se houver cumplicidade (Santos, 2006, p. 87).

Apesar da proximidade, é necessário compreender que existe uma dessimetria de

caráter simbólico, pois cada palavra dita pelos sujeitos Krahô em português é, em si mesma, um esforço de tradução, uma vez que falam em uma língua que não é a Krahô (Bourdieu, 1997, p.695, 698).

A ciência de um povo, isto é, seu conhecimento, sua sabedoria, não está separada de sua língua. A língua carrega em si toda uma bagagem de saberes, o que faz com que esse povo seja ele próprio, único, e não outro. Assim, pode-se dizer que a língua não é somente algo que se tem, mas sim um importante fator constitutivo do ser humano (Mignolo, 2004, p.669).

Com intenção de tentar esclarecer qual é a compreensão que os sujeitos Krahô têm desse trabalho, é que se toma de empréstimo, com destaque, a sua narrativa. Para ter acesso a essa narrativa, é preciso um esforço para compreender suas condições de existência, fruto de uma trajetória própria e posições específicas no espaço social (Bourdieu, 1997, p.695,700).

É preciso também compartilhar dos erros e acertos, como sujeitos em um mesmo processo de aprendizado. Aquele que interroga e aquele que é interrogado estão submetidos a um mesmo processo de análise, o que faz com que o interrogador também reavalie sua conduta e sua forma de direcionar-se ao outro (idem, p.698).

Somente com a consciência de que ambos estão aprendendo juntos, é que se torna possível o ouvir/olhar mais democrático da testemunha, o que também possibilita produzir e reinventar conhecimentos coletivamente. Assim, é essencial que cada palavra dita pelos sujeitos Krahô seja percebida como fonte importante de conhecimento, sem as quais não seria possível a realização desse trabalho.

5.2. Falas do sujeito social – diálogos múltiplos

5.2.1. Jucelino Huhtê Krahô - “tinha índio filmando, eu gostei muito”.

Pilar – Qual foi a primeira vez que você entrou em contato, que você viu, que você mexeu na câmera de filmar, ou no computador, ou no gravador ou na câmera fotográfica?

Jucelino – Bom, a primeira coisa que eu vi na minha vida é gravador, né, porque tinha gravador pros mehñ, que é os índios, alguns deles tinha gravador, eu sempre observava, mas não ligava não, e eu não lembro, parece que eu tinha 18 anos de idade, aí eu vi a câmera digital né, fotográfica digital né, aí eu gostei muito, aí depois tinha câmera para o Kapey, tinha um índio filmando, aí eu gostei muito, aproximei muito, andava junto com ele e, até que um dia ele me ensinou, um pouquinho né, aí eu filmei um pouquinho, aí depois veio computador né, aí tinha computador...também não sabia de nada, as coisas que eu aprendi, mexer no computador, aí gostei muito do computador porque o computador tem muita coisa pra gente trabalhar, na verdade o computador existe muita coisa, a gente só saber usar o computador, a gente mesmo, aqui na gente mesmo, o que eu falo, aqui nos Krahô tem muita coisa pra trabalhar, então pelo que eu vejo é isso daí, se gosta do computador, de câmera, do gravador, essas coisas aí, eu acho que é o meu sonho né, um dia estar registrando tudo, a história do Krahô, as festa dos Krahô, porque pra gente não tem nada pra poder gravar né, pra poder registrar, porque os antigo, quando os velho morria levava tudo, aí não tem como a gente saber, porque ele morreu, levou tudo, agora nesse tempo, com as novas tecnologias a gente pode registrar tudo né, então é isso daí.

5.2.2. Marciana Krahô Krâmpey - “Tem que aprendê pra filmá e pra aprendê Internet”.

Krâmpey esclarece a percepção que tem desse trabalho, e, entre outras declarações, diz no que os vídeos, feitos pelos próprios mehñ, como também os equipamentos, como câmara de filmar e computador podem ser bons para a comunidade.

Krâmpey – O meu nome é Marciana Krahô Krâmpey [...], e meu aldeia é Manoel Alves, aí...

Pilar – *Aí, isso que agente vai falar agora vai ser usado pra, por escrito, para um trabalho de monografia da Pilar, é... Aí, pode ser usado?*

Krâmpey – Não sei, pode usar ou não.

Eu pensava que é... Eu tô pensando assim, porque as criança, você está ensinando as crianças, e Athur é professor, e Arthur? Ou é só você?

Pilar – *É...*

Krâmpey – *É Arthur também né?*

Pilar – *É...*

Krâmpey – Pois é vocês são professor pra ensinar as crianças pra aprende a filmar e pra estudar também o uso de internet, aí vai botá o cd na internet aí quando dá fé vai dar pra aldeia... Mas tem que ser professor pras crianças, sem professor não aprenda não, ninguém não aprenda, o homem e as muié, o homem também tem que aprender.

Pilar – *Ahã... O que eu tava pensando assim, isso que você vai falar eu vou passar por escrito para colocar num documento o que vocês acham. Eu queria saber se pode, assim, fazer isso, passar o que vocês acham?*

Krâmpey – Se pode passa... O quê?

Pilar – *Passar por escrito assim, porque eu vou fazer as perguntas, aí eu queria saber se eu*

posso passar por escrito - Krâmpey acha isso... Por escrito para esse trabalho que eu estou escrevendo.

Krâmpey – Você pode botá escrito assim, botá no escrito bem, aí vai ver lá.

Pilar – *Então... Aí assim ó, aí eu vou fazer as perguntas.*

Krâmpey – Hum...

Pilar – *Então,*

...você acha se tem diferenças entre as meninas e os meninos quando o assunto é mexer no computador?

Krâmpey – Eu tô pensando que é igual assim, as muié mais, as muié, e homem é... também...eu acho que é os dois, ou não é?

Pilar – *É... Você já entrou em contato com as novas tecnologias, que é o computador, a câmara, o gravador? Se você já entrou em contato, como é que foi que aconteceu isso?*

Krâmpey – Eu nunca fui, contato assim.

Pilar – *Você já mexeu na câmara ou no computador...?*

Krâmpey – Eu nunca mexi na câmara, na internet nem computador. O Roberto me pejeja pra aprende de mexer rádio e de gerador e de internet, mas, hum hum, eu não vou aprende não.

Pilar – *Mas por quê?*

Krâmpey – Não, porque eu num sei mexê, quando dá fé eu vou quebra um aí, hum hum, dá não. Só mesmo menino pra mexê, que aprendê.

Pilar – *Aí eu vou perguntar um pouco sobre a condição de aprendizagem que existe. Você acha que a estrutura que existe é suficiente para essas mecpryré aprender? Você acha que a estrutura de recurso material de tudo que existe é boa, ou não?*

Krâmpey – Eu acho é... eu acho é bom. Assim com as mecpryré, as menina, assim eu acho é bom.

Pilar – *O que você acha que falta pra aprender, pra mecpryré aprender mais, o que falta?*

Krâmpey – Tem que aprendê pra filmá e pra aprendê internet e computador também pra mandá assim, tem que escrevê pra manda longe, internet é bom também.

Pilar – *Precisa de gente pra ensinar?*

Krâmpey – Precisa tem que ensinar porque sem professor num dá, tem que aprender com professor.

Pilar – *É... Quais são as condições que existem aqui hoje, pra que os meninos, a meninada, aprendam e produzam alguma coisa? Qual é essa condição que existe?*

Krâmpey – A condição que existe que..., tem muita coisa que tem que existe.

Pilar – *O que existe? É o computador...*

Krâmpey – [...] É filmadô gastamo, internet pra todo mundo, porque lá no Kapey, internet parece é só, parece que é quatro! E num dá que vai aprende todo mundo. Tem que sê muito pra gente vai aprendê, a filmadô, tem que separá também, tem que filmadô, e pra mexê no internet também.

Pilar – *É... No que você acha que os vídeos podem contribuir pra comunidade Krahô? No que você acha que os vídeos que se fazem aqui dentro podem ser bons pro povo Krahô, assim, pra todo mundo?*

Krâmpey – Eu acho que bom pra... vai fazê os vídeos aí vai da pra cada aldeia a metade, tem que vendê a metade também, pra faze dinheiro pra fazê comestível pras criança.

Pilar – *No que você acha que a câmara, a filmadora, o gravador, o computador podem ser bom pro povo Krahô, pra todo mundo aqui?*

Krâmpey – É bom é pra filmá na festa assim, aí é bom. Porque tem muita festa que vem de longe pra filmá assim, tem que filmá, os Krahô mesmo que filma assim, mas não que branco vai filmá, tem que os Krahô mesmo que filma na festa dos índio que faz assim, que vai filmá, eu acho assim é bom.

Pilar – *Então tá impèj.*

5.2.3. Hai-hã Krahô¹, “assisti no vídeo e gostei”.

Hai-hã – Primeiro vai fazer cerca de pau dentro d'água e faz o panê para pegar peixe, aí quando todo mundo terminar de fazer aquele panê, fazer o barragem de pau, tudo feito, aí nós vamos pegar timbó no mato. De cada partido vai pegar timbó e ajuntar. Quando todo mundo tirar e terminar de ajuntar, de madrugada eles bota na água para peixe ficar tonto aí o pessoal vai pegar. Aí começa de manhã batendo timbó, quando terminar o peixe vai ficar tudo tonto, aí o povo vai aproveitar a barragem que o pessoal fez de pau, aí o tal de panê, cada um vai fazer esse panê, enfiar dentro d'água, o peixe vai entrando, e vai enchendo, um dos mehĩn vai tirando o peixe, aí um vai matando o peixe até... quando o peixe acabar. Nesse ano, agora, os índio Krahô não faz mais porque não tem ninguém para ensinar para os novo, só antigo é que fazia isso mas agora ninguém sabe fazer essa barragem de pau. Mas no vídeo que eu assisti lá no Kapey eu gostei. O vídeo era chamado Enawe-Enawe. Eu gostei do trabalho deles. Não tem mais ninguém que ensina a barragem de pegar o peixe.

¹ Hai-hã Krahô diz que se lembrou do que a avó contava sobre o panê, uma barragem para pegar peixes que os Krahô faziam antigamente, ao assistir um vídeo sobre os Enauenê-Nauê, que mostrava como fazer essa barragem

5.2.4. Joaquina Cahhur, muito impej1!

Cahhur – Acho importante conhecer a câmara de filmar e de fotos também. Acho bom ter câmara para filmar. Quando tem festa, dá para filmar e fazer o vídeo, fazer o dvd. Para isso precisa muito de câmara, é importante.

Pilar – *Depois da oficina, você utilizou algum equipamento?*

Cahhur – Depois da oficina na festa do milho não mexi na câmara. E só agora que você veio, eu me lembrei da câmara. Eu só gostei da filmagem dos professores ensinando os alunos, mas não gostei das outras filmagens, porque não eram muito importantes. Não era muito importante para por no vídeo. O mais importante é isso que eu gostei. Não gostei da dinâmica porque fiquei com vergonha e não falei bem não.

Pilar – *Você tem vontade de aprender a filmar e/ou editar vídeos ?*

Cahhur – Tenho vontade mas tem muita dificuldade que vem pela frente. Mas eu pretendo aprender muito, para fazer vídeo sem ajuda de ninguém. Mas para isso tenho que prometer mexer na câmara, fazer tudo o que você está fazendo, aí eu posso fazer dvd sozinha.

Pilar – *De onde vem esta vontade?*

Cahhur – A vontade vem da cabeça e vem do coração da gente. Se você tiver vontade de fazer aquela coisa, faça, mas se não tiver vai ficar sem nada.

Pilar – *O que você aprendeu sobre o uso do computador?*

Cahhur – Lá no Kapey teve um encontro que eu e Thaís mexíamos no computador da escola Catxêkwy. Agente fazia a fichinha das crianças no computador. Eu digitava no computador de lá. Aí eu esqueci de tudo, porque não tem computador aqui na aldeia nem na escola que eu estudo, para mim mexer, para mim lembrar o que eu sabia. Mas digitar meu nome eu sei, até historinha eu posso fazer, mas para ficar lá o tempo todo, eu não sei.

Pilar – *Quais são as iniciativas dos mehñ e dos cupen para aprender a mexer nessas*

¹ Bonito

ferramentas?

Cahhur – Só sei o Edson que está mexendo na câmera. Filmando qualquer festa aqui, ninguém. Eu vejo na televisão outros mehĩn filmando e fotografando, os mehĩn Kuikuros e outros, mas aqui não porque não tem pessoa para ajudar, para fazer esse tipo de coisa. Fora de tudo eu não tinha mexido em nada, nem na câmera, nem no computador. A primeira vez que eu vi a câmera de bater foto foi na festa Teptere - Peixe e Lontra. Foi a Lara que me ensinou a bater fotos. Ela achou muito impèj quando eu tirei as fotos. Ela gostou do que eu bati. Disseram que a câmera estava estragada, só tivemos que só bater foto. Depois, na festa do milho eu, Marciana e outras meninas mexemos na câmera com você.

Pilar – *Como você entrou em contato com as tecnologias (câmera de filmar, computador, gravador, câmera fotográfica)?*

Cahhur – Os meninos Hã- hã e Pykaj sabiam que eu e a Thaís mexíamos com datilografia. A escola Catxêkwyj precisava de mulheres para mexer no computador e para ensinar os meninos em qualquer encontro que tiver. Se a gente gostasse de mexer no computador o Kapey pagaria informática pra gente. Aí começamos a fazer o curso. Acho que mexemos dois meses, três vezes por semana. Mas não mexi todos os dias, viajei para Fortaleza, teve jogos lá, eu tinha que participar. Aí quando eu cheguei passei uma semana e Thaís viajou para Araguaína. Eu tinha que ir a pé para a cidade e voltar a pé também. Eu fiquei com medo disso. Essa parte eu não gostei não. Aí quando a Thaís voltou a gente começou outra vez. Thaís ia de moto e eu ficava na garupa.

Pilar – *Você acha que tem diferença entre meninas e meninos quando o assunto é mexer no computador?*

Cahhur – Acho que os meninos mais mexem no computador. Por exemplo, se você for entrevistar alguém, as meninas não vão querer, só os meninos. As meninas são assim, para conversar, tem vergonha. Para fazer qualquer coisa, tem vergonha, mas os meninos, não. Tem

peessoas das meninas que não tem vergonha, mas é só aquela pessoa, não é toda.

5.2.5. Xorxo, o diálogo e o sonho divinos.

Pilar – *Hein Xorxo, mas no que, no que você acha que os vídeos feitos aqui na comunidade Krahô pelas próprias mecpryré¹ podem ser bons pra comunidade Krahô, no que você acha que podem ser bons?*

Xorxo – Eu acho que é bom mecpryré mentuwajê vai aprender no meu trabalho. Vai aprender... Computador é importante, para filmar, é muito importante, vai filmar as coisas que vai guardar. A segunda parte das crianças vai crescer, vai mostrar o que o avô deixou aqui, vai aprender, não esquecer.

Pilar – *E o que você acha que falta aqui para que os mehñ possam aprender mais?*

Xorxo – Aqui falta energia prá computador, falta, o câmera de filma, gravador, falta aqui, aqui vai ter muito festa, tá faltano pra tirá foto, cantoria, vai guardá, aqui não tem casa pra guardar.

Pilar – *E o que foi que você aprendeu lá na Hartãt² ?*

Xorxo – O que que eu aprendeu no Hartãt? Eu aprendeu assim: quando eu sonhei, eu sonhei mesmo, quando Papãm³ deu tchau pra mim — esse aqui vai aprendê toda coisa, reunião escutá, pra fazê programa, a festa do mehñ que vai olhá pra mostrá no rádio, fazê programa prá escutar no mundo, e... qualqué coisa, o message pos pessoa pra mim falá, eu posso manda pro Hartãt e contá o que que vai fazê hoje, mehñ vai fazê hoje, isso que eu aprendeu.

Pilar – *Você acha que precisa de mais gente pra ensinar os mehñ, pra acompanhar os mehñ no aprender mais?*

Xorxo – Eu quero mais precisá, mais professor, mais fazê caminhá mais pra frente, eu quero

¹ Adolescentes Krahô do sexo feminino

² No caso da pergunta, a rádio comunitária Hartãt

³ Deus na língua Krahô

mais precisá.

5.3. O relato da testemunha, uma narrativa talvez necessária.

5.3.1. Oficina de filmagem e edição de vídeo na Festa do Milho – Põhypré

A oficina de filmagem e edição de vídeo foi realizada com crianças e adolescentes Krahô do sexo feminino, no Kapey, durante uma festa de cultura ancestral da comunidade, Põhypré, entre os dias 18 e 21 de fevereiro de 2008.

Minha principal função, como se pôde definir melhor foi a de facilitadora na realização dessa oficina. Foram utilizados equipamentos digitais de manipulação de imagem e som, como câmera de vídeo e computador com softwares livres de captura e edição de vídeo.

A oficina foi dividida em cinco momentos: sensibilização audiovisual, dinâmica, filmagem das atividades da festa do milho, apresentação dos computadores abertos e edição das imagens capturadas durante a festa.

5.3.1.1. Oficina em formação

“Pela manhã fui à casa de Krâmpey onde estavam Juliene e Joanhina, duas jovens da aldeia Manoel Alves Pequeno. Sugeri que reuníssemos um grupo para participar de uma oficina de filmagem e edição de vídeo. Fomos até a casa do artesanato, onde estava o pessoal das aldeias Cachoeira e Pedra Branca, para convidar mais pessoas, onde algumas meninas concordaram em participar. Encontráramos-nos depois que as crianças chegassem da roça, de acordo com a programação da festa.

Fui à casa de Rosemira e tive uma boa surpresa: havia uma televisão em que estava sendo exibido o vídeo Vamos à Luta, ao qual alguns mehïns assistiam. Sentei e assisti também, esperando Rosemira chegar. Colocaram o vídeo Maru, sobre apropriação da câmera de filmar, que mostrava outros mehïn aprendendo a fazer uso dessa ferramenta.

Resolvi usa-lo na primeira parte da oficina com as meninas...”

5.3.1.2. Sensibilização audiovisual: assistindo o vídeo Maru

Reunimos-nos na salinha do computador. Coloquei o vídeo no notebook. A tela era pequena para o número de meninas, mas mesmo assim percebi que, na maior parte do tempo, estas estavam bastante atentas ao que assistiam.

5.3.1.3. Dinâmica: primeiros contatos com a câmera filmadora digital

Primeiramente nos sentamos em círculo e comecei filmando uma das participantes do grupo se apresentando. Após a apresentação mostrei a ela como eu fazia para filmar e disse-lhe que filmasse a próxima garota da roda se apresentando também, para, posteriormente, passar-lhe o que havia entendido sobre o manuseio da câmera de filmar. Disse-lhes que fizessem esse procedimento sucessivamente, até que todas do grupo participassem. Durante a dinâmica percebi que Joaquina, uma das participantes, se destacou por auxiliar em quase todos os momentos às outras a fazerem uso da câmera.

A intenção da dinâmica era que, depois de mostrar à primeira garota como eu fazia para filmar, deixar que elas mesmas fossem descobrindo as formas de manipular o objeto de estudo, ajudando uma à outra. Procurei deixar que o grupo ficasse livre para ir descobrindo as formas de filmar, fazendo uso de suas próprias capacidades cognitivas (Rancière, 2005).

5.3.1.4. Filmagem das atividades de Põhypré

O Krahô e a câmera

Fomos então ao trabalho de campo, isto é, ao trabalho de filmagem das atividades da festa. Primeiramente nos dirigimos à cozinha comunitária. Cucon e Eusébio, membros da comunidade, falaram um pouco sobre a festa Põhypré e a cozinheira nos relatou como estava sendo feita a comida para as pessoas que dela participavam. Depois da atividade na cozinha

seguimos para a Escola Catxêkwyj¹, onde filmamos as crianças que estavam tendo aula na língua Krahô. A equipe dividiu as filmagens, o que possibilitou que mais de uma participante filmasse.

5.3.1.5. Apresentação dos computadores abertos

Tentei estimular algum tipo de interesse ao grupo em relação às máquinas abertas, mas não consegui atingir esse objetivo. Talvez não tenha percebido o elo aproximador entre elas e o universo interior das máquinas. Possivelmente as meninas não tenham encontrado nenhuma função nessas máquinas abertas, nas peças em si, o que suprimiu qualquer manifestação de interesse ou vontade por parte delas (Rancière, 2005).

5.3.1.6. Edição das filmagens capturadas na festa

As meninas e o computador

Passamos o que havíamos filmado para dentro do computador. Depois de capturar alguns trechos das filmagens, utilizando o programa Kino, escolhemos as partes que iríamos usar no programa de edição, o cinelerra.

No cinelerra senti que participaram mais na hora de montar a seqüência de trechos de vídeo nas trilhas de edição. Foram escolhendo a ordem em que queriam dispor os trechos, compondo, assim, o vídeo. Mostrei uma parte do vídeo em que eu havia colocado um efeito de transição, o que foi percebido por uma participante da oficina.

5.3.2. Vivência na Aldeia Manoel Alves Pequeno

Este trabalho prático foi realizado entre os dias 20 e 23 de maio de 2008, na Aldeia Manoel Alves Pequeno, após autorização do Pahhi da aldeia liberando das atividades normais

¹ Escola Agroambiental Catxêkwyj

da escola as meninas que participaram anteriormente da oficina da festa do milho, uma vez que elas estudavam e em horários diferentes, que variavam entre a manhã e a noite.

A intenção desse trabalho era dar continuidade ao que foi feito na oficina da festa, de modo a aprofundar um pouco mais o conhecimento a respeito do uso da câmera de filmar.

5.3.2.1. Uma conversa rápida

Encontramo-nos à tarde na escola da aldeia Manoel Alves Pequeno, Saionara, Catxêkwyj e eu. Tentei lembrar com elas o que havia sido feito na oficina anterior. Catxêkwyj relatou ter gostado de participar da oficina de filmagem na festa do milho, disse que havia gostado de tudo, enfatizando seu maior interesse em filmagem. Disse que tinha vontade de aprender a filmar mais e editar vídeos. Perguntei à Saionara se ela havia gostado da oficina que tinha participado na festa, ela respondeu que sim.

Encontrei Juliene Rôrcaxa, também participante do grupo, e perguntei-lhe do que mais havia gostado de ter feito na oficina da festa do milho e ela me respondeu que foi de fotografia. Afirmou ter vontade de aprender a filmar e esperar da oficina, os vídeos.

Em outro momento, fui à casa de Amxykwyj para conversarmos a respeito de sua participação na oficina de filmagem. Ela disse ter gostado da oficina, especialmente da câmera, declarando sua vontade de aprender a filmar, e quando lhe perguntei o que esperava da oficina e ela respondeu: – Espero que alguém ensine pra gente.

5.3.2.2. Dinâmica

Da dinâmica participaram Joanhina, Amxykwyj, Juliene e Catxêkwyj. Abrimos uma cartolina e um saquinho que continha várias fichinhas com letras, acentos e números escritos. Sugeri que escrevêssemos com as fichas palavras de coisas que gostaríamos de

filmar. Escrevemos várias palavras, entre elas mehtum¹, Pahhi, Krĩ², jàt¹, irom e pô², hakõt³ e mããtehhire⁴. Também surgiram palavras como kêtuwajê, que é o nome de uma festa de empenação das crianças, um ritual de passagem e cahãjrê, que quer dizer mulher. Algumas frases foram elaboradas como p`ytwryre jaren-xà, isto é, história sobre a lua.

Ficou decidido que iríamos filmar Xicum Secundo Krahô falando sobre jàt jaren-xà⁵ e Krâmpey falando cahãjrê jare-xà⁶, além de outros palestrantes. Fomos até o Kâ, que é o pátio que fica no centro da aldeia e do meio dele Joaquina filmou a Aldeia Manoel Alves Pequeno. Saímos do Kâ e passamos por uma casa onde uma mulher fazia artesanato. Joaquina disse: “Olha a mulher fazendo artesanato bonito”, e começou a filmá-la. Então fomos até a casa do Secundo e pedimos para que ele contasse yàt jaren-xà. Ele contou muita história e AmxyKwyj filmou tudo, também contou história sobre a festa Kêtuwajê.

5.3.2.3. Filmagens na Aldeia Manoel Alves Pequeno

Encontrei Catxêkwyj na sala de aula e começamos a oficina. Ela transpareceu-se animada e logo pegou a câmera para filmar. Começou filmando uma brincadeira que estava acontecendo em uma das salas da escola da aldeia, se posicionando em diferentes ângulos. Saionara também veio participar da filmagem. Fomos, então, para outra sala de aula, filmar os alunos estudando, inclusive Joaquina e Meiredalva, outras participantes da oficina.

Catxêkwyj, muito interessada em praticar o uso da câmera, procurou outros motivos para realizar as filmagens. No momento em que nos preparávamos para guardar a câmera, ela me disse que havia uma arara na aldeia e que gostaria de filmar. Rapidamente, saímos da

¹ Antigo

² Aldeia

¹ Batata

² Paisagem

³ Natureza

⁴ Cantiga que fala da ema de perna fina

⁵ História da festa da batata

⁶ História das mulheres

escola e seguimos rumo à casa onde estava a arara. Pedimos licença à moradora da casa, esposa do Pahhi, para que ela pudesse filmar. Vários elementos foram filmados por Catxêkwyj, como o cucoi¹ uma cahãj² peneirando o arroz, o quati e algumas pessoas da comunidade em seu cotidiano.

À tarde, convidei Juliene para filmarmos Krâmpey, sua mãe, contando história sobre o papel das mulheres na aldeia, desde quando crianças até se tornarem idosas. Ela também filmou seu pai, Xorxo, falando sobre os Hotxwá³. Filmou o casal, Jucelino e Jurema pilando e peneirando arroz.

À noite, quando todos da casa se reuniam para assistir televisão, fui à casa de Catxêkwyj e a convidei para analisarmos as filmagens que elas haviam realizado. Decidimos então ir à casa das outras meninas chamá-las para participar. Todas foram, menos Joaquina, que não pode ir.

5.3.2.4. Histórias e Cantigas

Pela manhã, fui à casa de Joaquina para que ela assistisse na câmera o que haviam filmado. Fizemos algumas observações técnicas a respeito das filmagens, como a influência da luz, por exemplo. Depois, Saionara, Catxêkwyj e eu fomos ouvir Joci Hore contar história sobre a aldeia, que contou que os antigos saíram aldeia da Pedra Branca e formaram a Manoel Alves Pequeno. Também contou a história do Jabuti e do mucura. Perguntei se ele conhecia alguém da aldeia que cantava e ele disse que ele mesmo cantava, então cantou.

Catxêkwyj disse que o avô também cantava. Então, à tarde fomos até a casa onde estava seu avô, procuramos um lugar para ele em que a iluminação estivesse boa e ela o

¹ Macaco

² Mulher

³ Palhaços Krahô

filmou cantando a primeira parte da cantiga de cupen-ti¹.

À noite, Catxêkwyj foi ao meu encontro para que continuássemos filmando seu avô cantando a cantiga. Como estava escuro, fomos até a casa da avó de Catxêkwyj e lá dentro, onde havia uma lâmpada amarelada, seu avô se sentou em uma cadeira para que pudéssemos filmá-lo. Usamos recursos da câmera, o nighthshot e a sépia, para que a filmagem ficasse iluminada e bonita. Assim, Catxêkwyj filmou o avô cantando a segunda parte da cantiga de cupen-ti.

¹ Cantiga do povo Krahô

6. Conclusões

Percebeu-se que, primeiramente, se deve reconhecer o sujeito social como o protagonista de sua própria história, para depois, de forma coletiva e com base nas próprias necessidades e vontades desse sujeito, tentar articular atividades que abordem a apropriação de ferramentas tecnológicas, que são assim entendidas apenas como um meio de ampliar as possibilidades desse sujeito comunicar-se, apropriando-se de uma ferramenta, para, por meio dela, semear sua palavra no mundo.

Entendeu-se a necessidade de contextualização quando se trata de trabalhar com comunidades ou grupos sociais. Isso pode ser exemplificado pelo fato da visita realizada à Aldeia Manoel Alves Pequeno ter sido um contexto bem diferente do esperado, tendo como referência a oficina da Festa do Milho realizada no Kapey, o que levou a ações improvisadas e muitas vezes incompletas ao revelar dificuldades inesperadas. Assim, entende-se que, agir requer estar consciente da realidade ao perceber que esta precisa ser constantemente decifrada, uma vez que não está pronta nem acabada. É preciso, então, não somente do mergulhar no real, mas também, igualmente, captar a lógica dos sistemas de relações.

O enfoque de gênero, manifestado na própria escolha do grupo da oficina de Põhypré, proveniente de uma inquietação anterior ao trabalho e advinda de um contexto externo ao da comunidade, relevou-se inconsistente na realidade concreta Krahô, uma vez que a desigualdade entre homens e mulheres em relação ao universo tecnológico não era uma problemática daquela comunidade. No geral, seus problemas e necessidades se encontravam em questões diversas, que não envolviam a temática a princípio abordada pelo trabalho.

Assim, entende-se que não é possível estender uma problemática de gênero surgida em um determinado contexto a outro, por isso há limites vividos e não superados, e outros a descobrir. O futuro reivindica uma continuidade nesta relação, ainda que não se saiba como.

7. Referências Bibliográficas

1. Bourdieu, P. **Compreender**. In: A miséria do Mundo. Petrópolis: Editora Vozes, 1997
2. Brandão, C. R. **Pesquisa Participante**, 8 ed. São Paulo Ed. Brasiliense, 1990.
3. Freire, P. **Pedagogia do Oprimido**, 46 ed. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra S/A, 007.4. Mignolo, Walter D. **Os esplendores e as misérias da ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versatilidade epistêmica**. In: Santos, Boaventura de Sousa. **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
5. Mora-Osejo L E; Borda, O. F. **A Superação do Eurocentrismo. Enriquecimento do Saber Sistêmico e Endógeno sobre o Nosso Contexto Tropical**. In: Santos, Boaventura de Sousa. **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
6. Moran, J. M.; Behrens, A. M.; Masetto, M. T. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**, ed.12 Ed. Papirus, 2006.
7. Rancière, J. **O Mestre Ignorante**, 2a ed. Belo Horizonte Ed. Autêntica, 2005.
8. Santos, Boaventura de Sousa **A Gramática do tempo: Para uma nova cultura política** volume 4 Ed. Cortez São Paulo, 2006.
9. Visvanathan, S. **Convite para Uma Guerra da Ciência**. In: Santos, Boaventura de Sousa. **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
10. Zemelman, H. **Sujeito e Sentido: considerações sobre a vinculação do sujeito ao conhecimento que constrói**. In: Santos, Boaventura de Sousa. **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

Bibliografia Consultada

1. Morin, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro** 3 ed. São Paulo Ed. Cortez; Brasília, DF:UNESCO, 2001.

Anexos



Figura 1. O povo Krahô.



Figura 2. Manifestação cultural Krahô.



Figura 3. Convivência com a comunidade na Kapey.



Figura 4. Vivências com a comunidade da aldeia Água Fria.



Figura 5. Desenhando na salinha do computador.



Figura 6. Computadores abertos.



Figura 7. A festa do milho – Põhypré.



Figura 8. Oficina de filmagem e edição de vídeo.



Figura 9. Assistindo o vídeo Maru.



Figura 10. A resposta Krahô.